

INCLUSÃO DIGITAL: EXPERIÊNCIAS MIDIÁTICAS NA FORMAÇÃO DE ADULTOS

Custódio J. Barbosa Filho¹
Gisele de Menezes Rohr Coimbra²

RESUMO

Este artigo se detém a refletir sobre os interesses de adultos em buscar uma sala de aula de um projeto de extensão que visa à formação e inclusão digital. Tomando como experiência de escrita o projeto de extensão “Inclusão Digital para a Idade do Ouro” da Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB. Buscamos a partir do estudo de caso respostas às inquietações presentes neste espaço formativo, pois entendíamos que havia um fenômeno sócio formativo que precisa ser analisado de forma mais sistematizada. Diante disso, utilizamos como estratégias metodológicas um questionário com perguntas fechadas e abertas. Na análise dos dados chegamos às seguintes conclusões: cada vez mais as educandas adultas estão buscando estratégias de inserção nas redes sociais para se comunicarem e informarem sobre diversos assuntos. Mostrou ainda que não se pode mensurar de forma objetiva o percurso formativo quando se tratar de ampliação de formação dos sujeitos adultos, comprovado pela produção dos dados em campo. Os sujeitos da pesquisa demonstraram que suas intenções são muito mais amplas do que os objetivos aos quais o projeto se propõe, pois estes sujeitos desejam, também, desde a divulgação de produtos nas redes sociais até a utilização de espaços investigativos para reencontrarem pessoas que a muito não viam.

Palavras-chave: Inclusão digital; experiências; formação de adultos.

INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo se deu a partir das experiências vivenciadas no projeto de extensão “Inclusão Digital para a Idade do Ouro” da Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB, que teve início no segundo semestre de 2012 com a participação de adultos, que não detinham o domínio sobre as novas tecnologias em especial o computador, e residiam nas proximidades desta instituição, localizada no município de Vila Velha no estado do Espírito Santo. Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo refletir sobre os interesses de adultos em buscar uma sala de aula de um projeto de extensão que visa à formação e inclusão digital.

¹ Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor da Escola Superior Aberta do Brasil - ESAB.

² Graduanda em Pedagogia e monitora do curso de extensão na Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB).

A dinâmica da vida sociocultural na atualidade tem requerido dos sujeitos experimentar as diversas formas que os possibilitam se inserirem no mundo cada vez mais tecnológico. Ao vivenciar processos formativos de adultos na inclusão digital a partir das experiências midiáticas, buscaremos apresentar resultados desta experiência por meio dos dados produzidos *in loco* na interlocução com algumas literaturas que toma as questões da mídia para pensar as relações sociais e formativas dos sujeitos em especial adultos.

No intuito de responder a problemática sobre *quais os interesses de adultos em buscar uma sala de aula de um projeto de extensão que visa a formação e inclusão digital que emergiu no percurso do projeto de extensão?* Buscamos trabalhar com o estudo de caso enquanto apropriação metodológica. Neste sentido, a pesquisa nos fez mergulhar um pouco mais na dinâmica do projeto de extensão, para compreender os reais interesses desses sujeitos e o que os levou a buscar esta formação. Utilizamos como estratégias metodológicas um questionário com perguntas abertas e fechadas direcionadas aos sujeitos da pesquisa.

Na análise dos dados chegamos às seguintes conclusões: cada vez mais as educandas adultas estão buscando estratégias de inserção nas redes sociais para se comunicarem e informarem sobre diversos assuntos. Outra conclusão importante é que não se pode mensurar de forma objetiva o percurso formativo quando se tratar de ampliação de formação dos sujeitos adultos, o que foi comprovado a partir dos dados produzidos em campo. Os sujeitos da pesquisa demonstraram que suas intenções são muito mais amplas do que os objetivos aos quais o projeto se propõe, pois estes sujeitos desejam, também, desde a divulgação de produtos de artesanato nas redes sociais até a utilização de espaços investigativos para reencontrarem pessoas que há muito tempo veem.

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS E A INCLUSÃO DIGITAL

A educação de jovens e adultos tem vivido desafios constantes para superar os altos índices de analfabetismo no Brasil, os dados quais indicam mais de 8% da população nesta situação. (PNAD/IBGE, 2012), sem falar os altos percentuais que ainda se apresentam de analfabetos funcionais. Estes dados apontam para um problema de reorganização e investimento nas políticas públicas de EJA, principalmente, em

relação à dificuldade que o MEC/SECADI tem em pensar políticas que articulem a alfabetização com a escolarização destes sujeitos.³

Se ainda há um grande desafio na perspectiva de avançar para a redução dos índices do analfabetismo de jovens e adultos, no que tange a ampliação da pauta por políticas públicas para o analfabetismo digital, este desafio se torna ainda maior, pois há um número elevado de pessoas jovens e adultas nunca sequer tiveram a oportunidade de conhecer uma sala com equipamentos de mídias eletrônicas⁴, em especial, pela comunicação digital por meio do computador.

Em um relatório sobre o mapa da inclusão digital coordenado por Neri (2012), e desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas, podemos inferir que apesar do Brasil estar na média mundial no que diz respeito a acesso à internet, sabendo que o uso da internet faz parte de um dos indicadores das Metas do Milênio da ONU (MDGs)⁵, temos visto um grupo muito grande de jovens e, em especial adultos, que nunca tiveram a oportunidade de acessar a internet.⁶

Ao compreender que o conceito de mídia eletrônica traz diversos elementos para pensar o uso do computador como ferramenta de acesso às redes digitais de informação e comunicação, nos remeteu à questão problema postas pela pesquisa: *quais os interesses de adultos em buscar uma sala de aula de um projeto de extensão que visa a formação e inclusão digital?*

Na produção de vivências entre os sujeitos adultos e o uso do computador percebeu ainda alguns “tabus” a serem vencidos no que tange à relação destes sujeitos com a máquina “computador”. Entretanto, com a expansão das redes de informação e comunicação, este equipamento tem sido um dos principais instrumentos para pensar as relações sociais de comunicação e transferência de dados entre jovens, adultos e idosos. Mas, para que se trate desta nova perspectiva formativa de sujeitos adultos, nas interações sociais, Castells (2005, p. 17) destaca que

[...] a tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em

³ Ver política do Programa Brasil Alfabetizado – PBA que não articula os tempos de formação da alfabetização com o processo de escolarização dos sujeitos jovens e adultos.

⁴ Mídia eletrônica: utiliza redes digitais de telecomunicações (celulares, tablets e conexões de internet) e a TV digital com acesso à internet.

⁵ Entretanto há que se questionar os interesses da ONU em tratar o acesso à internet como metas para o milênio.

⁶ Devido aos limites deste artigo não iremos nos ater sobre esta questão da análise das metas do milênio.

redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital.

Essa preocupação de Castell tem sido uma das que trabalhamos no projeto. Sendo assim, a experiência do projeto de extensão “Inclusão Digital para a Idade do Ouro” da Escola Superior Aberta do Brasil – ESAB tem proporcionado um exercício para compreender até que ponto estes sujeitos têm buscado conhecer mecanismos de aproximação com os equipamentos midiáticos - computador, tablet e celular - para dar conta de pensar suas relações com o processo comunicativo em sociedade.

Com isso, compactuamos com Álvaro Vieira Pinto (2003, p. 27), ao destacar que “[...] a educação de adultos visa a atuar sobre as massas para que estas, pela elevação de seu padrão de cultura, produzam representantes mais capacitados para influir socialmente.” Entretanto, muito ainda está por fazer para que possamos entender esta nova dinâmica de produção da vida relacionada às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Dentre elas está a universalização por meio de políticas públicas do acesso ao computador e em especial às redes mundiais de comunicação.

Na interação entre as necessidades, circunstâncias, meios e vontades destes sujeitos no uso das novas tecnologias. Nelson Pretto (2008, p. 81) chama a atenção para a importância de qualificação no uso desses “novos” equipamentos tecnológicos:

A presença de tecnologias mais simples, como os livros impressos, ou de outras mais avançadas, como os computadores em rede, produzindo novas realidades, exige o estabelecimento de novas conexões que as situem diante dos complexos problemas enfrentados pela educação, sob o risco de que os investimentos não se traduzam em alterações significativas das questões estruturais da educação [e formação].

Neste sentido, a pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2014 nos trouxe alguns elementos para pensarmos as relações produzidas pelos sujeitos, em que a necessidade, as circunstâncias, os meios e a vontade (RANCIERE, 2002) de se inserir neste mundo das redes sociais para se comunicarem, tem sido um fator preponderante identificado nos participantes que se interessaram em fazer um curso de informática.

OS SUJEITOS ADULTOS E SUAS VIVÊNCIAS COM A AS MÍDIAS DIGITAIS

Os dados nos revelaram que de um universo total de 14 educandos matriculados no curso de extensão no ano de 2012/2. Em 2014/1, frequentam o curso 9 educandas.

Desse total 8 responderam ao questionário semiestruturado com perguntas fechadas e abertas. Todas as participantes do curso são mulheres com a média de idade de 60 anos, sendo que duas educandas possuem mais de 70 anos. Sobre a escolaridade, duas concluíram o ensino fundamental, uma tem o ensino médio incompleto, três possuem ensino médio completo e duas o nível superior.

Quanto à localidade, cinco educandas residem nas proximidades da instituição, uma em bairro mais distante e duas moram em Vitória, capital do estado do Espírito Santo. No que diz respeito ao contato diário com a máquina, sete educandas disseram possuir computador em suas residências com acesso à internet e apenas uma educanda não disponibiliza de computador e nem acesso à internet diariamente.

Somente estes dados quantitativos já nos demonstraram que para lidar com os sujeitos da educação de jovens e adultos (eja)⁷ exige cuidados e dedicação especiais, devido ao público oriundo de camadas diversificadas da sociedade e serem detentores de grande conhecimento de vida. Neste caso, entendemos a necessidade de profissionais qualificados, atentos às mudanças globais e preparados para lidar com situações que exigem muita dedicação e responsabilidade principalmente sob os aspectos destacados por Freire (1996) no que tange a rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito aos saberes dos educandos, dentre outras exigências.⁸

O movimento que o projeto de extensão proporcionou a estes sujeitos tem trazido retornos interessantes entre as condições formativas dos mesmos na relação com o uso do computador, em especial, das redes mundiais de comunicação e informação.

Ao se apoderar deste instrumento de comunicação percebemos que os sujeitos produzem aspectos emancipatórios na interação com a máquina. Dentre eles a autonomia de buscar dados e informações sobre “n” assuntos que lhes interessam no cotidiano da vida a partir de suas experiências formativas.

Sob a ótica das vivências pela qual as educandas adultas estão passando no processo de interação com o computador, nos levaram a refletir sobre a ação da experiência neste processo formativo. Ao entendermos que a experiência é algo que nos toca, poderemos compreender como esse processo pode ter tocado as educandas que as fizeram sair de uma condição cristalizada da produção do saber e entrar em um espaço movediço de profundas mudanças na condução da ideia de

⁷ Tratamos a eja em letra minúscula para indicar que não estamos apenas destacando os sujeitos que estão sendo assistidos pela modalidade institucional, mas algo mais amplo no ambiente societário.

⁸ Ver Freire (1996, p. 23-51)

produção do conhecimento e nas interações de comunicação e pesquisas. Sendo assim, compactuamos com o conceito de experiência exposto por Jorge Larrosa (2002, p. 21) ao destacar que,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Vivenciar a experiência na produção de uma nova forma de interagir por meio dos aspectos comunicativos e de transmissão de dados e informações nos colocou em uma posição de compreender que essa

[...] experiência, [é] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Nesse sentido, os relatos feitos pelas educandas são de grande importância para analisar o que as passou, o que as aconteceu, o que as tocou enquanto percurso formativo nas experiências de lidar com o equipamento e pensar nas diversas possibilidades que o mesmo pode trazer na interação com a sociedade.

Dentre os assuntos de interesse, uma educanda destaca a importância de apreender a lidar com a máquina “computador” para “*buscar nas redes sociais amigas que não tinha mais contato*”. A potencialidade proporcionada pelo movimento formativo dos sujeitos tende a ampliar os objetivos do projeto de extensão que não havia sido pensado a amplitude das relações que os equipamentos midiáticos neste percurso.

ASPECTOS DAS CONDIÇÕES FORMATIVAS DOS SUJEITOS ADULTOS NAS SUAS RELAÇÕES COM O COMPUTADOR

No primeiro momento da pesquisa a hipótese levantada seria de que as educandas pudessem apenas se interessar em ter acesso à internet e aos programas de computador para se comunicarem e/ou trocar dados e informações. Entretanto, no percurso da pesquisa percebeu-se que para além de se comunicarem as educandas

também buscavam fazer parte das redes sociais e se inserir neste ambiente virtuais das mais variadas maneiras.

A educanda “Claudia”⁹ faz o seguinte relato “busquei o curso para aprender a lidar com o computador, mas depois percebi que poderia divulgar os produtos de artesanato que faço no *facebook* e com isso alcançar um número maior de pessoas e amigos que possivelmente pudessem se interessar em comprar meus produtos”.

Este relato nos chama a atenção pelo fato de que o objetivo do projeto de extensão não havia pensado nas diversas possibilidades de ampliação do processo formativo destes sujeitos. Apesar de não ser obra do acaso, mas nos remete a refletir sobre as experiências vividas por Joseph Jacotot, relatada por Jacques Ranciere (2002) no livro “O mestre ignorante”, em que o autor destaca o processo de emancipação intelectual dos alunos de Jacotot que mesmo sem saber falar e escrever em língua francesa conseguiram se expressar de forma esplendida por meio da emancipação intelectual.

Com relação ao espaço educacional, as educandas relataram se sentir muito bem, pois o ambiente tem lhes proporcionado momentos de descontração e alegria, tanto nas relações afetivas construídas através das aulas como também nas orientações dadas pela monitoria. O que demonstram uma aproximação com a fala de Castell (2005) no início do texto de que a tecnologia por si só não organiza a sociedade em rede.

Ao se inserir nestes ambientes virtuais as educandas passaram a buscar possibilidades diversas na interação com a máquina “computador”. A educanda “Beatriz” destaca que conseguiu fazer contato com uma amiga nas redes sociais que não conversava a mais de dez anos. Estas questões apesar de aproximar as pessoas, que se encontram em lugares geograficamente distantes, podem trazer problemas que ainda não conseguimos dimensionar. Para Bauman é preciso considerar sempre os dois lados da moeda no que tange ao distanciamento e à proximidade das redes virtuais,

[...] a proximidade virtual é a distância virtual: a suspensão, talvez até a anulação, de qualquer coisa que transforme a contiguidade topográfica em proximidade. A proximidade não exige mais contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade. (BAUMAN, 2004, 38)

Esta preocupação tem sido, de certa forma, a busca pelo sentido *stricto sensu* da utilização das novas tecnologias no processo de formação de sujeitos, em especial

⁹ Nome fictício das pesquisadas.

adultos. O que aproxima uns pode distanciar outros. Isto passa a ser notório quando observamos nas nossas residências cada vez mais o distanciamento das pessoas que se enclausuram em função da busca por uma comunicação mais virtualizada. Neste sentido, a crítica feita por Einstein mesmo antes da popularização do uso do computador e em especial da internet é algo que precisamos ficar atentos. Einstein faz o seguinte destaque “tenho medo do dia que a tecnologia vai se sobrepor à interação humana. O mundo terá uma geração de idiotas.” (EINSTEIN)¹⁰

Esta preocupação, de certa forma, precisa permear nossos debates e cursos que versam as questões do uso das novas tecnologias. Entretanto, as relações produzidas entre o uso do computador e a comunicação virtual na formação de adultos, a partir das experiências vivenciadas neste curso de extensão aponta que ainda há muito a se pensar. Mas não se pode abrir mão da potencialidade que estas relações podem proporcionar na formação de adultos, principalmente na produção de sujeitos emancipados para buscar outras possibilidades de interações sociais na rede mundial de computadores.

CONCLUSÃO

O percurso da pesquisa nos permitiu experimentar um ambiente interessante de ampliação dos aspectos formativos de adultos na relação com o computador e, em especial, com a comunicação virtual. Sendo assim, nesta guisa de conclusão não poderíamos deixar de fora as expressividades dos sujeitos impactados por esta formação.

Os dados nos apresentaram processos de ampliação dos percursos formativos destes sujeitos o que nos remeteu a refletir sobre a expansão que uma formação pode proporcionar quando se tem abertura para experimentar outras possibilidades de produção da vida. Isto se dá pelo fato de que mesmo o projeto de extensão tendo objetivos dos quais destacamos o de “democratizar o acesso aos meios de comunicação, incentivando o desenvolvimento dos processos cognitivos, sociais e afetivos” e o de “contribuir para a melhoria da qualidade de vida e da atuação dos alunos da idade do ouro em seus relacionamentos sociais”, os sujeitos participantes em formação puderam vivenciar ambientes diferenciados na perspectiva de ampliar

¹⁰ Frase retirada deste endereço eletrônico <http://outroladodamoeda.com.br/2013/06/a-tecnologia-ja-se-sobrepoe-a-interacao-humana/> acesso em 07/04/2014.

esta formação sob os diversos aspectos no processo da autonomia formativa e da emancipação intelectual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede**: do conhecimento à acção política. Imprensa Nacional – Casa da moeda, 2005. Disponível em http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/Sociedade_em_Rede_CC.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. A Comissão Editorial agradece Corinta Grisolia Geraldí, responsável por Leituras SME, a autorização para sua publicação na Revista Brasileira de Educação.

NERI, Marcelo Cortes (coord.). **Mapa da inclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. Editora Cortez, 13ª edição, SP, 2003.

PRETTO, Nelson de Luca. **Cultura digital e educação: redes já!** In PRETTO, N e SILVEIRA, S. A. (org). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador, Edufba, 2008. Disponível em: <http://rn.softwarelivre.org/alemdasredes/2008/08/26/lancado-e-disponibilizado-olivo-do-alem-das-redes-de-colaboracao/>. Acessado em 31/03/2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.